

EXPEDIENTE.

ROGA-SE aos Srs. ASSIGNANTES, que sómente tenham satisfeito a importancia de suas subscrições até o n.º 36, as queiram mandar renovar, e aos que ainda deverem uma ou mais series atrazadas, queiram saldar seus debitos com a maior brevidade.

Tendo constado a esta administração, que a maioria de seus subscriptores se escandalisam por se lhe suspender a remessa das folhas, quando, ao findar de uma serie, não tenham satisfeito a que se ha-de seguir, adoptou continuar a remetter as folhas a todos os seus Assignantes, enquanto se não declararem despedidos por carta franca de porte, considerando-se com direito a exigir dos mesmos a importancia das subscrições enquanto estiverem recebendo as folhas sem se despedirem.

Os preços das subscrições continuam a ser 600 rs. por 12 n.ºs, 1:200 por 24, e 2:400 por 48.

Os volumes completos do 1.º ou 2.º anno se continuam a vender em papel por 2:400 rs. — em broxura por 2:440 — em meia encadernação por 2:600 — e em encadernação inteira por 2:700 rs.

CONHECIMENTOS UTEIS.

DELICIOSOS VENENOS.

2836 Todos os dias vemos, annunciados com a maior publicidade e com os mais pomposos elogios, especificos de segredo, perfumes novos, drogas para fazer cair os pellos etc., etc., etc.: quando, todas estas coisas pelo muito nocivas, que podem ser, a quem as acceita, haviam de passar por um rigoroso exame, depois do qual, quando approvadas, é que só deveriam ter licença para correr. Ora como de taes peçonhas, a maior parte senão todas, nos venham de Paris: bom será que oigamos o que sobre a materia nos poderá informar um parisiense. É *Pierre Durand* na sua *Revue de Paris* de 6 de março.

« Os malaventurados parisienses, — diz elle — continuam a ser quotidianamente avenenados por mil modos mais ou menos ingenhosos. Muito robusta deve ser a compleição publica para resistir a tão multiplices, e variadas sevicias. A cada passo nos acontecem não comermos senão patranhas, que arruinam, e não bebermos senão embustes que dão comasco na cova. Vinho e leite muito ha já que não passam de fabulas de certos fabricantes de malas-artes, em que nem o vulgo já cré. A auctoridade, quando lhe dão os seus barruntos de vigilancia e justiça severa, lá manda entornar no meio da rua essas beberagens derrancadas: — mas se se houvessem de despejar para a enxurrada quantos viuhos falsos, quantos leites inverisimeis se fabricam em Paris, até ao Havre chegaria o Rio *Senna* meio branco e meio vermelho. Uma especie de pão se inventou feito com arêa; não ha quadrupede na criação que não dê em biffsteck: qualquer pampilho ou olho de boi, combinado com qualquer veneno, por exemplo, verdete, muda-se em chá verde, que vos aquece e mata do modo mais agradavelmente chinez que pôde ser. »

« Ainda aqui não pára. O mortifero genio da especulação não se contenta com as comidas e bebidas. Os chimicos, encarregados de inspecionar o tocante

á saude publica, teem achado á venda uma grande quantidade de aromas venenosos. — D'antes em artigo de cosméticos damnosos, não se achava nas lojas senão o *oleo antigo*, assim chamado, por dar á cabeça certo ar de ancianidade, fazendo-lhe cair os cabellos ou pondo-lh'os de todo brancos. Hoje em dia anda ahí uma raça de fabricantes invisiveis e, melhor os chamáreis, velhacos matadores, que manipula por preços commodos, e assim derrama ás mãos cheias por entre os incautos toda a casta de pommadas, de unturas, de sabões, de massinhas e de essencias enfiadas de substancias assassinas. Os venenos já não vão só nos cosméticos vulgares, de que usam os menos abastados. Muitas vezes se lançam tambem nos cheiros aristocraticos, e não já só por economia senão para lhes darem um sabor mais raro e fragancia mais exquisita. O freguez, que não sabe nem pergunta como foi preparado o que o regala, pôde apanhar uma doença assim ás mãos lavadas, e com o seu cheiro (sem ser de sanctidade) ir andando para o outro mundo. Todos os dias vemos em Paris desgraças d'estas. E' caso de clamarmos todos e de continuo até se despertar a attenção publica. »

Mas basta de *Pierre Durand*. Quem quiser sem sair de Lisboa dar cabo de si á parisiense; não lhe falta onde. Modistas, cabeleireiros, perfumadores d'aquella terra dos figurinos, não minguan cá: verdade é que estes frasquinhos, se pagam a pêsso de oiro, mas evidentemente val a pena. E' um suicidio de muito melhor gosto do que deitar-se de uma janella abaixo.

MAGICA DA SCIENCIA PARA APAGAR

FOGOS.

2837 ACABA de se descobrir na Belgica um meio de apagar promptamente qualquer incendio com summa rapidez. Não ha mais que dirigir contra o fogo uma corrente de vapor; quasi instantaneamente aquelle se extingue. Foi o acaso quem fez conhecer este methodo tão simples como effcaz. Uma grande fabrica de tecidos ardia já com summa força; porém tendo o calor feito arrebentar a caldeira do vapor, este, immediatamente espalhando-se por todo o edificio incendiado, apagou o fogo como por encanto.

Reflectiu-se no successo, fiseram-se experiencias. Encheram-se subterraneos de materias inflammaveis deixando aberturas para entrar o ar; poz-se-lhe fogo, e, tanto que o incendio chegou ao seu auge, fecharam-se os respiradoiros e arrojou-se para dentro do subterraneo uma corrente de vapor, que logo sufocou o fogo.

A razão d'isto é porque o vapor penetra pela sua natureza em todas as partes altas ou baixas: é porque esfria ao passo que se condensa e, ao mesmo tempo que desloca o ar atmospherico, o substitue: é porque então já não obra como vapor, mas como um liquido no estado vesicular.

Segue-se de todas as experiencias, que por esta occasião se fizeram, que o vapor é o melhor remedio para os incendios das casas. Por isso muitas das fabricas, onde a força motriz é o vapor, já teem applicado ás caldeiras tubos de prevenção, que vão desembocar nas differentes partes da officina mais susceptiveis de fogo. É dar a uma torneira e está tudo feito: o vapor lá accode instantaneamente, sem fazer reboliço, sem atirar fazenda e trastes á rua, e

sem os ensapar como as bombas, com as quaes muitas vezes o que do fogo escapa, não escapa da agua.

Uma fabrica d'estas que trabalha por vapor, diz muito bem um jornal belga, já não tem desculpa se se deixar torrar como S. Lourenço.

GRANDE CHAVE DO CÉU FORJADA PELO HOMEM.

2838 CONTAMOS em o nosso artigo 681 a temeraria empresa, em que se mettêra Lord Rosse, de forjar o mais agigantado telescópio que se podesse imaginar. Aos 15 de abril de 1842 tinha concluido, como dissemos, com a maior felicidade a fundição do reflector da extraordinaria grandesa de seis pés de diametro, cinco polegadas e meia de grosso pela borda, e cinco no centro: ia entrar para o forno de estufa, onde tinha de jazer dois mezes para se recoser e esfriar; depois do que, havia de ser torneado e polido; difficuldade, que não era talvez de todas, a menor. Lemos hoje na *Revista encyclopédica* de fevereiro ultimo que finalmente se acha rematada em boa hora, assente e prestes esta scientifica maravilha da nossa idade.

A materia, de que se compoz o *speculum* ou reflector, é mais dura que o aço, mas tão fragil que uma pequena pancada a pôde faser pedaços, e o minimo gráu de calor, que sem precaução se lhe communique, a rachará.

O canudo do telescópio tem de comprido cincoenta e dois pés inglezes.

Para que se imagine pouco mais ou menos, o que por esta porta do céu se ha-de descobrir, cabe notar, que um telescópio de sós quinze polegadas de diametro, de que em Inglaterra se serve M. Edmondson, não augmenta senão mil vezes os objectos e ainda isso quando todas as condições são a seu favor; porque, pelo commum, só os amplifica entre 220 a 700. Ora é de presumir, que a força do telescópio de Lord Rosse, que tem 72 polegadas, augmentará os objectos na proporção do quadrado de 15 para 72, presupondo que as superficies de um e de outro tenham equal perfeição e a luz o mesmo gráu.

Já por via de um telescópio de trinta e seis polegadas de diametro, actualmente empregado nas observações astronomicas de Parsonstown, se tem chegado a distinguir alguma coisa n'esses grupos de estrelas, que não pareciam de cá senão umas leves manchinhas no céu, e que hoje se diferenciam, e nos vieram revelando novos mundos.

Que não será agora? O que sobre tudo é mister, é mandar observar a lua por este lince irlandez, e perguntar-lhe a elle o que por lá vae. Porque disem já os calculadores, que na distancia em que a lua nos anda, se poderia claramente distinguir um corpo que não fosse menor que um edificio ordinario.

D'onde se segue, que tudo o que lá houver d'esse tamanho, e d'ahi para cima nos ha-de ser patente, e que d'esta feita se realisará esse bello romance dos descobrimentos na lua pelo neto de Herschell, que ha poucos annos alvoroçou todos os jornaes d'essa Europa. Não voaremos por ora nas carruagens de M. Henson, mas conheceremos um pouco o territorio dos nossos irmãos lunaticos; e se lá ha tambem uma Irlanda e n'ella um Lord Rosse, não devemos desesperar de recebermos algum dia, pelo telegrapho, noticias dos

O'Conneis do ultra-ar. Em todo o caso, teremos a carta geographica e hydrographica da nossa satellite, uma statistica da sua navegação, presupondo que navegam, uma descripção das suas florestas, das suas cidades, estradas e aldêas, das suas batalhas a que poderemos assistir sem desconhecer o fim util, como tantas vezes nos acontece com as cá debaixo, dos seus monumentos com, ou sem estatuas, e de mil outras curiosidades muito para folgar.

Apesar de seu enorme pêso, tão industriosamente está armado o telescópio de Lord Rosse, que uma só pessoa sem grande esforço o pôde mover e apontar para onde lhe convenha.

MODO PARA PRESERVAR DE CORRUPÇÃO TODAS AS PARTES DE UM NAVIO.

2839 PARA se tornar incorruptivel tudo o necessario ás construcções dos navios, quer velame, cordalha ou madeiramento, não ha mais que impregnar estes objectos de chlorureto de zinco.

Para este fim abre-se um poço, lançam-se n'elle os objectos, extrae-se-lhe o ar com uma bomba aspirante, e depois com outra de compressão faz-se a sua immersão no chlorureto de zinco. Depois de bem saturados, servem, sem receio de que a podridão entre com elles.

GUARDA-RAIOS PARA NAVIOS.

2840 PARA se livrarem os navios dos estragos dos raios, descobriu um chimico inglez o seguinte:—

Por um canal feito pelo mastro grande, fazem-se passar duas laminas de cobre bem unidas, da largura (cada uma) de duas até seis polegadas, e da grossura de quatro linhas: indo terminar á base do mesmo mastro.

MACHINA HYDRO-ELECTRICA.

2841 ESTA machina, cuja construcção é fundada na propriedade que o vapor da agua tem de desinvolver electricidade, consiste n'uma caldeira pequena isolada por meio de uns pés de vidro.

Dois tubos, que saem do cimo d'esta caldeira, desembocam n'um cano horisontal, d'onde nascem quarenta e seis canudos curvos, terminados com tampinhas de páu com furos de um millimetro de diametro, por onde sae o vapor misturado com uma grande quantidade de agua condensada.

O vapor vae-se metter n'um condensador, formado de uma caixa de zinco que encerra quatro fileiras de pontas de cobre.

A scintilha electrica resultante d'aqui é notavel pela sua abundancia e pelo seu grande volume. Chegam-se a obter algumas que teem 55 centimetros de comprimento, e que accendem cavacos quasi instantaneamente.

Esta machina acha-se ao presente exposta nas sallas do Instituto polytechnico de Londres.

ELECTROMETRO UNIVERSAL DE MAJORCHI.

2842 TEEM os physicos ideado diferentes instrumentos para medir a intensidade das correntes electricas. Alguns d'elles são muito ingenhosos: o galvanómetro multiplicador, por exemplo, indica o minimo movimento d'este fluido: mas em elle augmen-

tando a força, já lh'a não póde avaliar: — em geral todos os instrumentos d'este genero não passam para além de certos limites: e quando é um ponteiro que serve para medir uma acção qualquer, logo que este chega ao ultimo grau do quadrante, já é mistér outro meio para seguir o progresso d'essa mesma acção.

O galvanómetro universal preenche o fim que o seu nome e seu auctor annunciam. Este auctor é o Sr. Majorchi, professor de physica em Milão, e muito respeitado entre os sabios, pelos bons resultados que tem dado as suas licções oraes e as suas obras impressas. Todas as correntes thermo-electricas, magneto-electricas, hydro-electricas ou galvanicas, e as electro-chimicas; todas emfim, quer tenham uma existencia quasi imperceptivel, quer adquiram uma força média, quer se tornem poderosissimas, podem ser apreciadas por este instrumento.

Acha-se á venda em Milão em casa de Carlos Desseigna, afamado fabricante de instrumentos de physica, que foi o primeiro que tal instrumento fez sob a direcção e á vista mesma do inventor. Nos gabinetes de Italia é já frequente, mas ignoro se já tambem os fabricantes de França e de Inglaterra o farão.

GALVANOGRAPHIA.

2843 A GALVANOGRAPHIA consiste em desenhar ou escrever por meio do galvanismo. Toma-se uma lamina metalica, de cobre por exemplo; sobre esta lamina se estende uma camada de qualquer verniz resinoso: sobre este preparo o curioso desenha ou escreve com a ponta de um ferro bem agudo. Mette-se a lamina em uma dissolução de sal de cobre, e no polo pelo qual a corrente galvanica sae da dissolução. N'este estado o metal da dissolução salina, transportado pela corrente galvanica, vae-se precipitar sobre todos os pontos da lamina que o ferro descobriu do verniz; e acaba por se elevar á camada do verniz, ficando por este modo o desenho ou as letras em relêvo.

Outro methodo para se obter o mesmo resultado. — Toma-se uma lamina de metal perfeitamente lisa: n'ella se desenha ou escreve com qualquer tincta oleosa, que não seja atacada pelos acidos: depois collocase a lamina em uma dissolução salina de cobre no ponto pelo qual a corrente galvanica entra no liquido. Immediatamente a acção galvanica corroerá a superficie metallica, que não foi tocada pela tinta oleosa, e fará apparecer em relêvo o desenho ou as letras.

MAIS DUAS PALAVRAS SOBRE O PÁRA-SARAIVA DE M. TOLLARD.

(Carta.)

2844 QUANDO lí o titulo do artigo 2804 d'este jornal, sobre o Pára-Saraiva de Tollard, persuadi-me, de que o seu auctor haveria feito grandes experiencias sobre o apparelho de Tollard, e d'ellas tirado em conclusão a sua inefficacia; porém não; apresenta-se dizendo, que é uma invenção perfeitamente inutil, desanimando os que empreenderem pô-la em pratica, e refutando uma experiencia com uma theoria.

O auctor do artigo tem em vista a theoria de Pouillet; e nós temos em vista as experiencias e observações feitas por Tollard, nos cantões de Vaud, e Cam-

pos da Lombardia, sem que ninguem se lamentasse d'aquella pequena despesa. Todo o ponto está em tirar a maior parte da electricidade ás nuvens, e prevenir por esta maneira a formação, ou a queda da saraiva. Por conseguinte a pratica de Tollard prova mais do que theorias fundadas em hypotheses, e que verdadeiramente ainda se acham muito além dos conhecimentos actuaes.

¿Será verdadeira uma theoria só porque é mais moderna? A refutação do meu artigo deve ser feita com uma experiencia igual á de Tollard, e que comprove inutilidade do Pára-Saraiva.

Acresce que nenhum auctor, a não ser M. Pouillet, contradiz a Invenção; e só porque um auctor desaprova o Pára-Saraiva, ha razão para provar evidentemente a insufficiencia d'elle? Não.

Eu não certifico o seu prestimo; fiz o mesmo que o auctor do artigo; eu trasladei de um livro, elle d'outro.

Parece-me não estar provada pelo anonymo a refutação do artigo 2741, emquanto não apresentar factos, que comprovem essa refutação.

Izidoro José Gonçalves.

AMAURÓSE.

2845 No Jornal das Sciencias Medicas de fevereiro, lê-se um artigo, traduzido do jornal francez dos Conhecimentos medicos e chirurgicos, e que se intitula — *tractamento da amaurose por meio da galvano-punctura pelo Dr. Person.*

Alli se mostra como, por via d'este novo processo, muitas amauroses se chegaram a curar com mais ou menos perfeição, postoque muito maior numero d'ellas lhe resistisse.

..... sed quid tentasse nocebit.?

DO SUICIDIO.

N. B. No artigo 565 dissemos o que pensavamos ácerca do livro *Meditações ou discursos religiosos*; — no artigo 2579, apparecendo a segunda edição, confirmámos aquelles louvores, e promettemos dar, em occasião opportuna, excerptos de são religiosas e uteis paginas; e nomeadamente os tocantes ao suicidio e aos magistrados. Vamos hoje desempenhar-nos em parte da nossa promessa. Ponderações como as que se vão lêr, tão sisudas e tão philosophicamente espirituales, offerecidas como remedio a um dos maiores males nascidos da irreligiosidade, e em nossos dias tão frequente como é o attentar contra a nossa propria vida, até os atheus, se não fõrem deshumanos, as hão-de receber de boa mente.

2846 « ¿Que frenezí é esse, que tão espantosamente vae lavrando entre nós; e que tão desgraçadamente vae enluctando as paginas da nossa moderna historia? »

« Nenhum animal rasga as proprias entranhas; nenhum se priva voluntariamente da vida; só o homem é capaz de um tal attentado! »

« Todas as creaturas obedecem ao instincto, com que o Creador as dotou: só o homem se atreve a desobedecer-lhe! Todas parecem adorar a Providencia: só o homem se revolta contra ella! »

« E dizei a algum dos que mais desejam matar-se, que se exponha pelos seus semelhantes; que se arrisque a morrer por salval-os; e vereis como o amor da

vida lhe falla então mais alto, que todos os vossos discursos. »

« Oh! quem póde comprehender quanto é contradictorio o suicidio? quanto esta palavra encerra de audacia e de delirio, de desesperação e de dôr, de crime e de miseria? »

« Elle é prohibido pela lei natural, por essa lei gravada no coração de todos os homens, que lhes inspira um secreto horror á destruição, e lhes ordena que se conservem. »

« É igualmente prohibido pela lei divina positiva, no quinto preceito do Decalogo: não matarás. »

« Esta lei é a repetição da lei primitiva, e este preceito comprehende assim o homicidio dos outros, como o de si mesmo. O de si mesmo ainda é mais grave que o dos outros, diz o celebre Lebrun; porque faz duas victimas, a do corpo e a da alma a um tempo. »

« As legislações de diversos povos teem fulminado diversas penas contra este flagello das sociedades: taes são o cortamento da mão, que perpetrou o crime; o abandono ignominioso do cadaver; o arrastamento pelas ruas; o supplicio posterior do patibulo; a infamia; a confiscação; etc. »

« Os nossos antigos legisladores pelo contrario nunca se occuparam de um tal objecto; talvez pela razão porque Solon não fez lei alguma contra os saerilegios nem contra os parricidas. O primeiro d'estes crimes, dizia elle é ainda desconhecido em Athenas; e a natureza tem tanto horror ao segundo, que elle se torna inverosimil. »

« As circumstancias porém mudaram, e o silencio das nossas leis e dos nossos legisladores continúa; sem duvida pela persuasão da inutilidade d'aquellas penas. »

« Costuma-se dizer que os culpados estão fóra do seu alcance: e não se repara em que muitos d'elles não o chegariam a ser, se receassem o que depois da sua morte aconteceria aos seus cadaveres, á sua memoria, e á sua descendencia: não se attende a que aquelle que se mata, deixa um exemplo que não morre, ou que morre mui tarde, e a que é preciso destruir a força d'este, com a força de outro exemplo, com a do spectaculo penal, que antes de realisar-se, muito póde influir na imaginação de quem intentar destruir-se, e ao realisar-se na de quem a elle fór presente. »

« Mas deixando esta questão, em que muito ha que dizer por uma e por outra parte, e em que nem os que opinam de uma maneira, podem ser com razão notados de cumplicidade; nem os que opinam de outra, censurados de pertenderem, como Xerxes açoitara as ondas insensiveis; uma coisa ha em que todos devem concordar, é a inutilidade e a necessidade de medidas preventivas. »

« Os delictos que mais se precisa de prevenir, são aquelles que menos se podem castigar. Mas se é necessario prevenir o suicidio pela difficuldade de o punir, ainda mais o é pela triplicada injustiça que elle encerra, e pela gravidade e estensão dos seus resultados. »

« Em um só acto o suicidio contém tres grandes injustiças, uma para com os outros homens, a quem aquelle, que assim deserta da vida, priva dos exemplos, e dos serviços que lhe deve; outra para consigo, a quem rouba o maior dos bens que póde rou-

ba, e faz o maior mal que lhe é possivel fazer outra para com Deus, despondo arbitrariamente de um deposito, de que só elle tem direito de dispôr. »

« Emquanto á primeira, não se diga: eu já paguei minha divida á sociedade, nos trabalhos que empreendi e executei por ella; porque esta divida é mui avultada, não póde ser paga senão pelo emprego de toda a nossa vida, e quem se priva de uma parte d'esta, deixa de pagar uma parte d'aquella. Não se diga igualmente: De que sirvo eu á sociedade? a minha existencia é para ella um pezo e não um beneficio? porque não ha ninguem que para ella não tenha algum prestimo. Aquelle, a quem faltam as forças para servir, póde edificalla com os seus exemplos; entre os quaes os da paciencia e da resignação não são os menos vantajosos. O homem de bem lutando com a adversidade; o justo em seu leito de dôres, bendizendo a Providencia; são o melhor spectaculo que a sociedade póde encerrar em seu seio, a melhor eschola que se póde frequentar, a melhor licção que se póde receber. »

« Acerca da segunda injustiça, a idéa do suicidio revela uma ignorancia profunda do bem da vida, e do mal da morte. A vida é um presente de inestimavel valor, que Deus fez ao homem; um thesoiro que bem administrado, lhe adquire um reino, comparado com o qual são nada todos os reinos da terra; e eis aqui o que elle parece ignorar, e o que rouba a se mesmo. A morte, quando nossos dias estão cheios, e se nos apresenta escoltada pelas nossas virtudes, não é uma desgraça; mas quando a nossa impaciencia a precipita, quando ella nos arranca de uma situação, em que as lagrimas e os risos reciprocamente se succedem, para nos arrojara n'um lugar de interminaveis tormentos; é um mal tão grande, que por mais que n'elle se pense, se não póde comprehender; e eis-aqui o mal que o suicida se faz. Elle despoja-se d'um bem, de que o seu maior inimigo o poderia despojar, e faz-se a si mesmo um damno que todos os seus inimigos conjurados contra elle, lhe não poderiam fazer. Ninguem é tão injusto com elle, como elle mesmo. Elle é o seu maior inimigo, maior verdugo o seu mais atroz perseguidor. »

« A injustiça para com Deus, a quem elle deve tudo, e de quem é tudo aquillo de que gosa, ainda é maior. Deus concedeu-lhe a existencia, como um deposito de que podesse gosar e não como uma propriedade de que podesse dispôr; e que faz o suicida? destroe esse deposito que era obrigado a guardar; usurpa os direitos do Creador; e torna-se a mais injusta, e a mais ingrata das creaturas. »

« Que se diria d'um individuo, que havendo de nós um deposito para o restituir quando se lhe exigisse, na nossa presença lhe chamasse seu, e d'elle dispozesse a seu arbitrio? Que se diria do que, recebendo de nós um mimo em testemunho de amizade, á nossa vista, o calcasse aos pés e o despedaçasse? E comtudo nenhuns direitos podem entrar em parallelo com os direitos de Deus: nenhuma offensa, nenhuns ultrajes, nenhuma injurias se podem comparar com as que teem a elle por objecto. »

« Citam-se casos de morte voluntaria na Escriptura, e diz-se que muitos dos primeiros christãos se offerceram ao martyrio: pertendendo-se com isso justificar o suicidio, mas em vão. »

« Quatro d'aquelles casos o foram realmente de mortes voluntarias, e foram criminosos. A Escripura, referindo-os não os approva, antes nos faz conceber idéas bem desfavoraveis a esse respeito, e a respeito do character e sorte dos desgraçados que assim pozeram termo á sua existencia. »

« Dos tres restantes, o de Razias, preferindo a morte ás torturas que lhe preparavam para o fazerem mudar de religião, é de mui diversa natureza; é um acto não de um hipocondríaco, que de sangue frio se mata para se livrar do pezo da vida, nem de um desesperado, ou de um frenético; mas de um homem perturbado á vista do perigo; que, de dois males inevitaveis, escolheu o que julgou menor. Assim mesmo as sagradas letras o consideram como um rasgo de coragem, e não como o effeito de um zelo esclarecido. (1) O de Sansão, abalando as columnas do templo de Dagon, para sepultar debaixo das suas ruinas tres mil philistheus, e todos os seus principes, na certeza de perecer com elles; e o de Eleazar, rompendo denodadamente por entre as hostes inimigas, até morrer debaixo do elephante que conduzia o seu chefe; foram dois feitos de extraordinario valor, de extremado patriotismo, e não de suicidio. Cada um d'estes heroes biblicos se sacrificou para salvar o seu povo. »

« Muitos outros factos de coragem ou de temeridade costumam-se praticar na guerra, ora bem, ora mal calculados; e seguidos umas vezes de prosperos successos, outras de successos desastrosos. Dê-se-lhes porém o nome que se quizer, nunca o do suicidio. N'elles a perda da propria vida pôde ser um acaso, um desastre, ainda uma consequencia, não um propósito. Quem disse jámais que commetteu suicidio aquelle que, para salvar as victimas de um incendio, rompeu por entre as châmas que o devoraram? ou aquelle que lançando-se ás ondas enfurecidas, para salvar as vidas de seus semelhantes, perdeu a sua? »

« Entre os primeiros christãos, que se effereciam ao martyrio, alguns talvez haveria que procedessem menos reflectida, e menos prudentemente. Acontece com o zelo da religião, diz um moralista, o mesmo que com o zelo do amor da patria: os que d'elle são animados, não são impeccaveis, nem infalliveis. »

« Quem ignora porém que os que, ávidos do martyrio, assim a elle se offereciam, o não praticavam para se destruir, mas para darem um solemne testemunho da verdade da religião, para convencerem os perseguidores d'ella da inutilidade dos supplicios, e para pouparem, expondo a sua, muitas outras vidas? »

« Quem ignora quanto isto concorreu para se desarmar a tyrannia, para se diminuir as perseguições, para a conversão dos pagãos, para o triumpho da fé? E quem sabe emfim que superiores inspirações, que vehementes impulsos da graça receberiam esses mesmos, cujas resoluções pareciam menos prudentes, ou menos necessarias? »

« Querer portanto confundir o suicidio com a exposição ao martyrio, é querer confundir a mais repugnante atrocidade do crime, com o mais acrisolado heroismo da virtude. »

« O suicidio é um attentado de uma especie toda particular. Não ha coisa a que possa comparar-se, nem circumstancia que o possa justificar. »

« Toda a natureza o condemna. Toda a sociedade deve tremer ao constar-lhe que algum dos seus membros o commetteu; ou ao presumir, que ha alguma propenso a commettel-o. »

« Desde que a vida é nada para um homem, elle é senhor da dos outros. O escriptor que disse que o furioso capaz de matar-se, é um tigre em meio da sociedade, disse pouco. A sociedade acautela-se do tigre, porque o conhece; mas quem sabe o que se passa na alma desesperada do suicida, para acautelar-se d'elle? Elle pôde matar a esposa na acção de a beijar, o amigo na acção de o abraçar, o magistrado na acção de lhe fallar em justiça, o soberano na de lhe pedir alguma graça; e depois embeber o punhal ensanguentado em seu proprio seio. »

« Deixa que esta arvore de morte lance profundas raizes; deixae multiplicar os suicidios, e vereis se estaes seguros em alguma parte. »

« Mas para remediar um mal, convém conhecer-lhe as causas, e quaes são as causas d'este, que tão grandes progressos está fazendo? »

« A frequencia dos suicidios em Inglaterra costuma attribuir-se á influencia do clima. Se porém o clima é culpado d'este crime, em cuja discussão não entraremos, de certo não é elle só o culpado. »

« Nos outros paizes, e mórmente no nosso, as causas são todas sociaes, e moraes. »

« Á antiga ordem de coisas, que era para os povos um habito quasi convertido em natureza; aos antigos bens, a que elles estavam afeitos; e aos antigos males, com que se achavam resignados; succedêram novos elementos de ordem, e de desordem; novos bens que elles não teem sabido apreciar; e novos males com que se não tem podido resignar: ou, como um contemporaneo escriptor se exprime, succedeu uma guerra disfarçada com todas as apparencias de paz; e uma paz contendo todas as agitações da guerra. »

« Ricas telas de oiro encontram-se hoje com, foprusão nas habitações dos que ha pouco foram pobres; e os andrajos da pobreza cobrem a nudez de innumeraveis, que ha pouco foram ricos. D'aqui vem o insolente orgulho de uns; a tristeza, o desgosto da vida, e talvez a desesperação de outros: mas isto por si só não produz o suicidio, é necessario que se lhe juncte a irreligião. »

« Quem foi, que se suicidou, de tantos centenaes de homens, consagrados á religião, que se deitaram em seus leitos, não lhes faltando nada para as commodidades da vida, e acordaram votados á perseguição e ao opprobrio, sem uma telha que os abrigasse da chuva, sem um pão negro e duro que lhes matasse a fome? »

« A desgraça sem a impiedade, não é sufficiente para arrastar ao suicidio; a impiedade sem a desgraça, sim. »

« Ainda que se encontre muito maior numero de mortes voluntarias em pessoas havidas por desgraçadas, encontram-se tambem algumas em pessoas reputadas felizes. »

« Os bens e os males da terra, diz um profundo observador, fatigam as almas vazias de futuro. Voa-se de esperança em esperança, de desejo em desejo, até que parecendo não haver mais que desejar, nem que esperar, se aborrece a vida. Para desgostar o homem d'ella, basta entregar-lh'a toda inteira, far-

(1) Bergier de luer, selig. tom. 3 e 10 art. 1. 13 §.

tal-o dos seus prazeres. Então conhecendo tudo, e enojado de tudo, elle busca a morte, como uma derradeira sensação. »

« ; Mas qual será aquelle que se atreverá a tanto, persuadido de que ahí não termina tudo para elle? de que para elle vae começar uma nova existencia, toda de tormentos e de horrores? e de que estes horrores, estes tormentos não findarão n'um dia, n'um anno, n'um seculo, nem em mil milhares de seculos? »

« ; Que homem, sem ter perdido inteiramente o juizo, para aliviar seus soffrimentos, ou se livrar do enojo da vida, vendo diante de si uma fornalha accessa, se lançaria n'ella, certo de que ahí arderia eternamente, sem acabar de se queimar? Morreria todos os dias, todas as horas, todos os instantes, sem acabar de morrer! »

« O homem mata-se porque a prosperidade lhe pêsá ou a adversidade o irrita, e a morte se lhe representa como o termo de tudo; mata-se, porque o dogma da immortalidade da alma não é um dogma para elle. »

« Se elle se persuadir de que, onde esta vida acaba outra vida começa; de que os males da primeira são nada, comparados com os da segunda; de que subtrahindo-se violentamente áquelles, cairá infallivelmente n'estes, oh! de certo elle não desertará do seu posto; não se rebelará contra a Providencia; não se matará. »

« Para que ha-de matar-se, crendo que com isso não fará senão precipitar-se nos abysmos da eternidade, contra as ordens de Deus; e que Deus estará lá para o castigar? ou que esperança poderá elle ter do perdão de seus crimes, se o ultimo acto da sua vida, se a sua ultima dôr, se o seu ultimo suspiro fôr ainda um crime? »

« Ao esquecimento pois, ou ao desprezo da religião, é que principalmente se deve attribuir o fatalissimo progresso de uma das maiores calamidades dos nossos dias. A quem deverá porém recorrer-se para que ella desapareça? »

« Os governos farão alguma coisa promovendo o bem material dos povos, melhorando a administração, creando asylos para a enfermidade, e para a pobreza; obstruindo, vedando, ou fazendo guardar os logares de tentação e de perigo, como entre nós ha um, que tem dado á morte voluntaria innumeraveis victimas: mas depois d'estes, e de outros passos semelhantes, não pensem elles que terão andado muito, se não tiverem posto o seu maior cuidado no restabelecimento da moral, e da religião. »

« O melhor conselho, que se pôde dar aos governos, é que amem a religião, e a protejam; aos povos, que sejam fieis ás suas maximas; aos desgostosos da vida, e desejosos de terminal-a, que implorem o auxilio divino, que lhes peçam as forças, que lhes faltam, para poderem resistir á tentação de morrer. »

« Um philosopho recommenda a estes ultimos que, quando se sentirem acommettidos d'essa tentação funesta, assentem consigo fazer alguma acção boa, antes que acabem de succumbir: e depois busquem algum indigente a quem soccorram, algum opprimido a quem defendam, algum infeliz a quem consolem; que se isto tiver o poder de os salvar hoje, terá o de os salvar amanhã, e talvez o de os salvar sempre. »

« Não serei eu quem impugne esta lembrança. As boas obras são de todas as protectoras terrestres, as nossas melhores protectoras. Ellas podem attrahir a chuva benéfica do Ceu sobre a aridez insoffrida da

alma do desesperado: mas este remedio está mui longe de corresponder plenamente á grandeza do mal; Que soccorro poderá dar ao pobre aquelle, que não tiver nada? que defeza poderá prestar ao opprimido o que fôr mais opprimido que elle? que consolação poderá levar ao infeliz o desgraçado, que não achar consolação na terra, nem esperar achá-la no Ceu? »

« ; Ai de nós se, quando o enfado da vida, ou a desesperação nos metter na mão o punhal, para o cravarmos no peito, a religião nos não acudir! »

« ; Quem poderá desconhecer o seu poder d'ivino? ella tem esperanças para todos os desalentos, realidades para todas as esperanças, consolações para todas as penas. Ella não diz: felizes aquelles, que se regalam nos banquetes da vida, diz ao contrario; bem-aventurados os que soffrem. »

« Vós, que vos tendes esquecido d'ella, ou que a haveis desprezado, ah! não deixeis de recorrer a ella, quando tão terrivel lembrança vos perseguir. A religião é a mais carinhosa das mães, e qual é a mãe que repulsa um filho, que arrependido se lança nos seus braços? »

« Um instante de fé pôde salvar-vos do abysmo, que está aberto diante de vós: e um instante de oração, uma supplica, elevando-se através da nuvem, que vos tolda o espirito, pôde trazer-vos a fé! »

« Mas se ella não vier, e qual será o vosso estado senão o de uma incerteza, que não chegastes a vencer? senão o da dúvida? e como n'esta dúvida, como laborando n'esta incerteza, vos atrevereis a dar um passo tão decisivo? »

« Lembraes-vos de bater ás portas do nada: mas que será de vós, se as portas que se vos abrirem, forem as da eternidade? »

« ; Presumis que, ainda que a haja, não sereis punidos por um acto que, em vossa pasmosa allucinação vos parece indifferente? e qual será a vossa sorte, se elle fôr julgado um grande crime? e se um Deus irritado, e Omnipotente, proferir a vossa sentença? »

« O risco a que vós mesmos reflectindo, não podeis deixar de vêr que vos expondes, o perigo que arrotaes é tal, que ao consideral-o o coração se aperta, o pensamento se espanta, a imaginação se confunde! »

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

PROCISSÃO DE S. JORGE, DEFENSOR DO REINO E TITULAR DO CASTELLO DE LISBOA.

23 DE ABRIL DE 1385.

2846 GANHADA a façanhosa batalha de Aljuharrota, o senado da camara de Lisboa, em congregação de letrados e varões religiosos, que nos seus paços reuniu, para fazer varias leis e assentos em ordem a se reformarem algumas abusões em que incorria o povo e a nobresa, defendendo com graves penas, usar-se de superstições, feitiços, encantamentos, invocações de demonios, e sortes: e bem assim de todos os ritos gentilicos, como cantar janeiras, fazer mayas, e outras festas em diversos meses; carpir os finados, e depennar os cabellos sobre elles, sob pena de, quem

tal fizesse, ter o defuncto em casa oito dias, etc. (*) juntamente votou a camara fazer em acção de graças d'esta grandissima victoria, nove procissões no discurso do anno, sendo uma no dia de S. Jorge, que devia ir á sua igreja. E isto porque na referida batalha fôra tomado por defensor do exercito portuguez, esquecendo-se, por este sancto novo, o velho dos primeiros tempos da monarchia, em rasão das nossas desavenças com a vizinha Castella; por quanto, segundo se depreende das chronicas, foi esta a primeira vez que nos arraiaes da Peninsula, se ouviu appellar no campo portuguez — *Portugal é S. Jorge*, e no hispanhol ainda *Castilha e Santiago*.

No ponto onde começou a peleja mandou o immortal condestavel D. Nun'Alvares levantar uma ermida á honra de S. Jorge; e quando elrei D. João I, reforçou o castello de Lisboa o fez seu titular. N'elle existe a sua primorosa imagem, que, vestida ao uso da cavallaria antiga, sac todos os annos na procissão de *Corpus Christi*, montada em um soberbo cavallo branco, com seu pagem e estado respectivo. O seu chapéo, dadiwa e morgado da casa dos duques de Cadaval, que são descendentes do Condestavel, é peça riquissima em pedraria pelo seu valor e raridade (corre entre o povo que val um milhão de crusados) e foi invejado por Napoleão, que lhe lançou a sua aguia rapinante, mas foi-nos restituído.

Antigamente se fazia aqui e em Coimbra esta procissão com muitas figuras sagradas e profanas, instrumentos, danças e outras mais invenções burlescas, semelhantes áquellas que tão meuda e elegantemente descreve o nosso Fr. Luiz de Sousa, na trasladação de D. F. B. dos Martyres. Elrei D. Manuel e D. Sebastião, fizeram muitas ordenações para christianisar taes solemnidades, mas pouco poderam conseguir, porque ainda em 1724 saíu uma prohibição dos jogos, danças e figuras representativas de Sanctos nas procissões, onde se exceptuava a da *imagem de S. Jorge a cavallo*.

Este voto que recorda a salvação da independencia nacional, e a fundação de uma dynastia de heroes, que nos traz á lembrança a maior victoria que nunca tivemos, já hoje se não cumpre como foi jurado.

É porque n'estes tempos, a cidade depende mais dos votos politicos do que dos votos religiosos!

A. da Silva Tullio.

SUSPIROS DE ABRIL.

E maraviglia, e amor,
E pentimento, e speme,
Son mille affetti insieme!
Tutti raccolti al cor.

METASTASIO.

I

2847 Minha alma, toda amor, em vão comprimio;
Debalde os males meus escondo attento.

N'este pégo fatal o meu tormento

Nadar vem sempre ao cimo.

Se este peito, que Deus fez expansivo,
Teimasse acaso em constringer, mais forte,
Libertar-me viria a mão da morte

O coração captivo.

(*) Vid. no tit. 3. do L. 5. da Ord. toda casta dos sortilegios ridiculissimos, que por então se usavam, e de que ainda hoje se tiram muitos lueros.

Dilate-se portanto: em sons sentidos
Exhale a pena sua tormentosa,
Suspire; gema á lyra lachrymosa
Seus hymnos doloridos.

Seria o canto e o choro perigrino
Se ao sentimento a voz correspondêra,
Se no rythmo ou nos prantos eu podêra
Pintar o meu destino!

H

E' todo fogo o meu peito,
A minha alma é toda amor;
Solitaria é minha vida,
Incessante a minha dôr.

Se abril os prados matisa,
Nos prados tormentos vejo:
Mudas as flores se entre-amam!
E eu. . . . Só tenho o meu desejo!

Se, tristemente sorrindo,
Enche a lua magestosa
De vaga ternura as almas,
Os campos de luz saudosa

Eu, magoado e pensativo,
Conto as estrellas do céu;
E conto as aneias ferventes
Do profundo peito meu!

Se a rola saudades geme,
Se o rouxinol trina amores;
Que invejas! . . . Ardo e no mundo
Ninguem sente os meus ardores!

E tremo, tremo de susto,
Se attento escuto a meu lado
Rir, folgar a natureza
E me vejo abandonado;

Tremo de susto, que eu sinto
O que é ter um coração
Terno, ancioso, todo chamas,
E submettel-o á rasão!

! A' razão! . . . ! Acaso pôde
A cadêa mais potente,
Seja de ferro ou de bronze,
Enlaçar um fogo ardente?

Entre as vivas labaredas
Brevemente se abrazêa:
Funde-se, augmenta iuda a lava
O que era d'antes cadêa.

III

A primavera risonha
Tudo faz reflorêscer;
A madre-silva nos bosques,
Nos corações o prazer;

Accorda tudo ao seu brado;
As aves para cantarem;
Para sorrirém os homens;
E todos para se amarem.

Os espiritos florem
 Como as relvas, amorosas:
 Abrem-se junctos, rescendem
 Os pensamentos e as rosas.

Só primavera eu não tenho,
 E se a tenho — em solidão
 E' de nuvens, não de flores
 Não de sol, de escuridão

IV.

Meu coração era um vaso
 Tão puro, tão precioso!
 Verieis d'alma por elle
 O reflexo luminoso.

Abundante amor sincero,
 Em nobres peitos vulgar,
 E mil affectos sem nome
 O enchiam a trambordar.

Mãos tyrannas m'o partiram:
 Roto está, tudo entornou;
 Até a propria esperança
 Pelas fendas se escoou!

E com tudo talvez não merecesse
 Desgraça tão cruel; talvez minha alma
 Fôra digna d'amor igual ao d'ella!

! Ai! prados verdes, campos matizados
 Sombras da tarde, estrellas pudibundas,
 Minhas socias d'amor! ; ai! trevas meigas
 Da noite amêna; quantas, quantas vezes
 No vosso recatado occulto seio
 Meus prantos derramei, quasi em delitio!
 ; E quantas, leve aragem, que gemia
 Nos laranjaes do valle, pelo espaço
 Meus suspiros levou, que vinham d'alma!
 E quantas mais, sentado pensativo
 Na alameda da encosta em rude pedra,
 A' heira da corrente inquieta e funda
 Quantas — olhos no céu e mão na face —
 Contei ao campo, aos astros, aos fragedos
 As ancias que no peito não cabiam!

Foi-lhes sepulchro a solidão profunda:
 ; Se haviam de rir d'ellas!

! Astros, campos,
 Fragedos que me ouvistes, vós sómente
 Podeis dizer, que affectos infinitos
 Aqui dentro em cardume se apertavam!
 ; Que ternura e saudade amena e triste!
 ; Que sedes de querer e ser querido,
 De entrar, calcando humanas impurezas,
 N'um céu d'amor, com quem comigo o abrisse!
 ; Que desejos extremos, e sem mancha,
 De fazer entre todos venturoso,
 A' força de caricias e desvellos
 Um ente idolatrado! ; De por elle.
 Por ella... os hymnos meigos de que sinto
 Ardente a phantasia a trambordar-me
 Fervoroso esgotar em mutuo enlevo!

Não zombeis, homens, não. Qual de vós outros
 Co' a fronte oppressa, e o coração partido,
 Gemendo e pranteando, e n'um suspiro
 Mil desejos, mil ancias, mil ternuras
 A's auras caprichosas entregando,
 Qual de vós o não fez?... Se algum se encontra
 Depôr deve estas paginas; egoista,
 O que intender não pôde, não profane.

VI.

Peitos sensiveis, corações amantes,
 Ternos, languidos olhos femininos,
 Dos que, inda immoveis, são espelhos d'alma,
 Lêde-me vós, só vós: estou seguro
 De que haveis intender meu simples canto.

Lêde-me vós, que á noite reclinada
 Na janella saudosa; vagamente,
 Humida a face, contemplaes, sem vel-os,
 O azul do mar, do firmamento o brilho;
 E murmurar ouvis sem distinguil-as
 D'eguaes mysterios, egualmente involtas,
 Do vosso peito as ondas e as do oceano.

Lede-me vós, que ao despontar da auróra
 Entre os vossos jasmins tentaes um riso,
 Que, sem causa, uma lagrima desmente,
 E tremeis e córaes, quasi de pejo,
 Se ouvis meigos arrulhos amorosos
 D'um casal desvellado no seu ninho,

Lêde-me vós que haes sinceros prantos
 A' loucura do Tasso — de Petrarcha
 Aos magoados amores — e ás saudades
 De Bimardel saudoso — e que, enlevada,
 Alguma vez, ingenua, desejastes
 Para o pobre poeta consolardes,
 Laura ser, ser Beatriz, ou ser Leonora.

Lêde-me vós, que um hymno doloroso
 Enche de dor — e vós que rasos d'agua
 Olhos fitos no livro quasi findo,
 Como vossos, carpis estranhos males.

Lêde-me vós que o marmore do templo
 De pranto humedeceis se ouvis, piedosa,
 Do Deus-Homem contar os soffrimentos
 Ao sagrado orador, austero e grave.

Lede-me vós... — oh! lêde-me vós todas
 A quem ardente amor ou vago affecto —
 Voraz incendio, ou timida scentelha —
 O coração tomou — De vós espero,
 De vós, de mais ninguem, piedade e int'resse?

VII.

Salve, rei da montanha, cedro annoso,
 Que as tormentas affrontas,
 Como os breves seus dias contam homens,
 Os seculos tu contas:

D'aqui vejo, nos ares recortada
 A serra do Occidente,
 Descançando em repouso altivo e fero
 Como um leão dormente.

Salve, rei da montanha, antigo vulto,
 Socogado Titão,
 Que mal faz murmurar severo e triste
 O vento da soidão,
 Do curvo tronco debruçada a copa
 Em arcos elegantes,
 Descommunal trophéo soberbo finge
 Ou porta de gigantes.
 Qual vislumbra o estrellado firmamento
 Atravez da folhagem,
 Taes vislumbram memorias do passado
 Por entre essa ramagem.
 Salve, rei da montanha. A sombra tua
 Ja cobre gerações:
 Pendem annos e folhas dos teus ramos
 Em cerrados festões.
 Debaixo d'esse tecto sussurrante,
 E sempre hospitaleiro,
 Como o tecto dos homens d'algun dia,
 Para o pobre romeiro,
 Eu, romeiro infeliz no mundo, venho
 Buscar abrigo obscuro:
 Fallar venho ao passado, a vêr se posso
 Esquecer o futuro...
 Ai! não posso, não sei. A toda a parte
 Me segue esta dôr viva,
 Como a frecha que trás no lado roto
 A corça fugitiva.
 VIII.
 Irei aos braços da gloria
 Procurar o esquecimento?
 Desgraçado, é vão o intento:
 Se conservas a memoria
 Has-de guardar o tormento.
 A gloria é fructo enganoso,
 Seduz mas não satisfaz,
 Penas causa sem dar paz:
 Não é tel-a ser ditoso,
 Mas logral-a é ser sagaz.
 Tem á dôr, que te lacera,
 Que te abrasa a mente accesa,
 Um só nome a natureza:
 É o amor que a magoa gera
 E a magoa gera a tristesa.
 O sonhada Fornarina,
 Sonho só, nunca verdade,
 O phantastica beldade,
 Existirás tu, divina,
 Qual te pinta a idealidade?
 Se existes, quero cingir-te
 De flores; quero adorar-te.
 Se não tens, com gentil arte,
 Um Phidias para esculpir-te,
 Tens minha alma para amar-te!
 Sancto André 16 de abril.

Mendes Leal Junior.

NOTÍCIAS.

O CIRURGIÃO DA SOLITARIA.

2848 ESTAVA já impresso o precedente numero da *Revista*, quando recebemos o seguinte annuncio: — « O Sr. *Oliveira*, conhecido pelo nome de *cirurgião da Solitaria*, acaba de chegar a esta capital, « onde consta demorar-se apenas 15 dias. Dizem-nos « que foi hospedar-se em casa do Sr. João Abraham « *Mazza*, morador na rua de S. José n.º 34. »

CONCURSO BIBLIOGRAPHICO.

2849 NA QUINTA-FEIRA 11, pelas tres horas da tarde, assistimos na Bibliotheca Nacional d'esta côrte, ao concurso e exames de quatro oppositores ao logar de official da secção dos manuscriptos e bellas-artes da mesma bibliotheca.

O conselho, a quem pertencia julgar só per si, teve a louvavel delicadesa de pedir e tomar, em escrutinio secreto, os votos de todos os empregados da caza e mais litteratos assistentes, sobre o merecimento comparativo de cada um dos candidatos, em relação á parte publica e oral do seu exame.

Esta yotação, puramente consultiva, saíu favoravel ao Sr. *A. da Silva Tullio*, cuja vocação bibliographica, e archeologica é já por provas assás bellas conhecida. Esta preferencia é tanto mais honrosa, quanto o candidato tinha que luctar com outros concorrentes, dos quaes dois deram tambem notaveis provas de saber amadurecido pela pratica. A aquisição do Sr. *Tullio*, se sobre elle houver de recair a escolha do conselho e a decisão do governo de S. M., será seguramente um serviço prestado ás lettras patrias, das quaes este nosso distincto collaborador será dentro em pouco um dos mais conspiciuos ornamentos.

COMO ESTÁ O PULPITO.

(Communicado.)

2850 O MISTER de orador sagrado é o mais nobre exercicio da palavra; mas para cabal desempenho um dos mais difficeis ou o difficilimo.

Parece que esta verdade se desconhece entre nós, ou que esta nossa terra é feracissima em *Vieiras e Bossuets*, ao vêr a facilidade com que uma alluvião de prégadores invade quotidianamente o pulpito: — tal é elle tractado como a tribuna: — A este escandalo não poderá obviar-se d'algun modo?

Todos os dias temos occasião de observar novos exemplos do até onde chega o desembaraço, ignorante e despêjo dos garraios.

N'uma das freguezias d'esta capital, em sexta-feira sancta, ouvimos, emvez d'uma oração grave e tocante como o assumpto o pedia, um apontado de expressões fôfas ou communs, que apezar do respeito devido n'aquella hora e logar, provocaram os apódos e risadas, — n'uma palavra, um complexo de ineptias e puerilidades ridiculas, um discurso indecoroso, que só poderia ser *sermão de lagrimas* para quem chorasse de riso.

Citariamos alguns trechos curiosos, que ainda nos lembram d'esta interessante *peça oratoria*, se a vergonha nol-o permittisse: — custa-nos porém insistir em semelhante materia; — concluiremos por isso pedindo a V., a publicidade d'estas linhas para que se co-

hibam mais na sua audacia alguns individuos, que tenham a infelicidade de não se conhecerem; e para que as pessoas, a quem isso toca, sejam mais escrupulosas e reflectidas na escolha dos oradores para as festividades da egreja.

MAIS UMA GENTILEZA DE BOLIEIROS.

2851 A MUSICA do batalhão naval, aquartelado juncto a Alcantara, tocava o recolher ás 8 da noite de 11 do corrente, quando, da parte de Lisboa, passava uma sege á desfillada. Os cavallos espantam-se, precipitam a carreira sobre os musicos; derrubam alguns, deixando a quatro não pouco maltractados. O bolieiro foi preso; o homem, que ia dentro aproveitando-se do reboliço, desapareceu: — diz-se que este havia promettido ao bolieiro tres moedas se em dez minutos o chegasse a Alcantara, onde ia levar a certa pessoa a noticia de lhe ter saído na loteria o premio grande.

CONVERSÃO DE UM PROTESTANTE.

(Communicado.)

2852 No dia 8 d'abril na egreja do Collegio dos Inglezinhos abjurou os erros de Protestantismo *Jorge Ignacio Taylor*, e depois de ter feito a sua solemne profissão de Fé na presença de um grande numero de pessoas, foi baptizado pelo muito Reverendo Padre *José Ilsey*, vice-presidente d'este muito insigne e edificante collegio, sendo seu padrinho o *Marquez de Vallada*. A' cerimonia do baptismo, que se fez com toda a pompa, seguiu-se um solemne *Te Deum* por musica.

Assistiram a este acto muitas pessoas de todas as classes, — ficando summamente edificadas por ver o respeito, attenção, e devoção com que n'esta egreja se fazem as ceremonias religiosas.

Nós os Catholicos Apostolicos Romanos não podemos deixar de nos mostrarmos gratos aos Reverendos Padres dos Inglezinhos, não só pelo muito que trabalham em facilitar aos errados o caminho para a religião verdadeira, mas tambem pelo bom exemplo com que elles e os estudantes d'este respeitavel collegio, tem sempre edificado e continuam a edificar os habitantes d'esta cidade.

RESPONSABILIDADE DOS FUNCIONARIOS PUBLICOS.

2853 AINDA nas lojas do costume se encontra á venda um pequeno resto de exemplares d'esta obra do Sr. *Diogo de Goes Lara de Andrade*, por nós annunciada quando saíu á luz. Obra de merito pela importancia de seu assumpto, pela seriedade e estudo, com o que o auctor o tractou, e por chamar a attenção dos publicistas para um dos mais difficeis, porém mais urgentes pontos do direito publico.

NECROLÓGIO ARISTOCRATICO.

VISCONDE DE MIDÕES.

2854 MORREU no dia 6 do corrente, pelas duas horas da tarde, o visconde de Midões, par e grande do reino, de um ataque apopleptico que durou vinte e tres horas.

Fizeram-se-lhe as honras funebres na egreja de Cabanas, e d'alli foi seu corpo conduzido a um dos carneiros da sua antiga capella, na povoação de Tra-

vanca de S. Thomé. Assistiram a este acto não menos talvez de tres mil pessoas, quasi todas da plebe e da classe média.

Viveu perto de septenta e quatro annos, não tanto para si, como para seus numerosos domesticos, para seus visinhos, e para quem quer que procurasse (o que lhe era facillimo) sua angelica benignidade e beneficencia.

Oxalá que todos os grandes, e os amigos do povo, o fossem como elle foi. (Diario do Governo.)

PUBLICAÇÃO ARTISTICA.

1855 Somos rogados a publicar o seguinte prospecto, que impresso corre: — « Foi ao amor que se « deveu a primeira tentativa do desenho; uma don- « zella grega, filha d'um oleiro, procura fixar a ima- « gem querida do seu amante, traçando na parede o « contorno que produz a sombra d'aquelle rosto que « se lhe ausentava: nosso clima e monumentos não « merecem menos cuidado de seus namorados, e que « menos se conservem d'elles memorias e saudades: « a gente illustrada que protege as artes é hoje sem « contradicção quem trabalha por conseguir ás nossas « glorias e terra portugueza, a veneração que mere- « cem; ajude-os a arte. . . Vamos offerecer aos nos- « sos concidadãos primeiro uma collecção de vistas « d'esta capital, depois, de seus contornos; e se nos « ajudarem nossos compatriotas, dos logares mais pin- « turescos de todo o reino. Acompanhar-se-hão d'a- « quellas noticias que pedir o assumpto: serão as vis- « tas tiradas por meio do Photographo (Daguerreoty- « po) e lithographadas com o maior esmero e exacti- « dão por um habil artista. »

« O exemplo de estrangeiros que se imita servil- « mente em tanta coisa inutil, seria por si só uma « razão para se não desajudar esta publicação, se o « amor de nossa terra e de tanta belleza que possue « este bello céu de Portugal, e tanta recordação his- « torica e grandiosa, que revelam nossos haveres mo- « numentaes, não fosse já motivo sufficiente para es- « perarmos confiadamente no favor de nossos compa- « triotas. »

« Receber-se-ha cada mez um desenho por trescentos « réis pagos no acto da recepção. »

« Recebem-se as assignaturas em caso do editor, « rua das Portas de Santa Catharina n.º 51, 1.º an- « dar em Lisboa. »

SEMANA SANCTA EM ELVAS.

(Carta)

1856 VENDO que as columnas do seu acreditado jornal estão sempre promptas e francas para receberem e publicarem tudo quanto póde ser proveitoso á sociedade, e julgando eu que nada póde haver mais util á mesma sociedade do que são os exemplos das virtudes christãs, particularmente quando nos são dados por pessoas que occupam um logar elevado, ou so rogar-lhe o especial obsequio de transcrever no seu jornal a seguinte noticia sobre a semana sancta n'esta cidade, e na egreja cathedral.

No domingo de Ramos fizeram-se os officios e precissão (proprios do dia) com toda a decencia e perfeição; sendo para sentir que o nosso digno prelado não podesse assistir n'este dia por doente.

Na quarta-feira de Trévas, em que (segundo o cos-

tume) é a desobriga dos prêso da cadeia civil, quiz o nosso virtuoso bispo levar aos mesmos prêso um abundante jantar, sendo acompanhado n'este acto de charidosa humildade pelo illm.^o cabido, e pela irmandade do Sanctissimo, indo todos processionalmente, e fechando a procissão, o digno prelado e chantre da sé, que (recordando os primitivos, saudosos e felizes seculos da igreja) levavam uma alcofa com o pão que devia ser repartido pelos pobres encarcerados. Ao entrar na cadeia, romperam os prêso em devotos canticos, a que se seguiu a repartição do jantar, em presença do respeitavel bemfeitor e prelado. Muitas lagrimas de ternura e edificação foram derramadas; e acabada a repartição, voltou S. Ex.^a para o paço episcopal, com o mesmo acompanhamento.

Na quinta-feira Sancta, fez S. Ex.^a pontifical, bençã dos Sanctos Oleos, e ministrou a Sagrada Comunhão ao clero, e a doze pobres, aos quaes na tarde d'este dia havia de lavar os pés, precedendo a esta devota e terna cerimonia um jantar abundante, dado aos mesmos pobres, e servido pelo prelado.

A's tres horas da tarde fez-se a ternissima acção do lava-pés, que por si mesma infunde o maior respeito e devoção; mas uma e outra coisa se augmentaram, e fizeram derramar muitas lagrimas, ao ver um prelado respeitavel, por suas virtudes e talentos, abatido aos pés de doze miseraveis pobres.

Estes infelizes receberam de S. Ex.^a uma avultada esmola em dinheiro, e um vestuario completo.

S. Ex.^a assistiu ás ceremonias, officios e procissões de sexta-feira de Paixão e sabbado de Alleluia; tudo se fez com o devido respeito, acatamento e perfeição, para o que muito concorreu a presença do nosso prelado.

De V. etc.

M. P.

MELANCHOLIA FANATICA.

2857 Segunda-feira de Paschoa occorreu na parochial igreja de S. Mamede d'esta cidade um successo, que poz todo o povo, ahi reunido para a missa, em reboição, e as mulheres em precipitada fuga: — eram septe horas da manhã. Um homem, que se acabava de confessar, parecia engolfado na oração, levanta-se clamando — « não! não hei-de ir para o inferno! . . . não hei-de! » — e principia a rasgar e despir o fato com uma furia verdadeiramente de alienado. Procuram cohibil-o e apoderar-se d'elle; fuge espavorido e gritando; vae lançar-se por uma escada de mão acima; seguram-n'o — está phrenetico; amarram-n'o; cobrem-n'o com uma manta, e levam-n'o para o hospital, não se lhe percebendo mais vozes do que um porfiado pedir de confissão.

Este infeliz, segundo se conta, era o comprador ou copeiro de certa casa titular.

MAIS UMA GLORIA PARA OS FASTOS DOS JOGADORES.

2858 Em caza do Sr. . . negociante n'esta cidade, chamou-se, no dia 10 do corrente para o almoço commum da familia, o filho que ainda não havia saído do seu quarto: não respondeu: — bateram-lhe rijo á porta; e como nada dentro se sentisse, arrombaram-n'a: — acharam-n'o encostado á meza, com uma pena na mão, um papel, um tinteiro e um copo deande si.

Estava morto.

O papel era uma carta para seu pae, explicando-lhe a causa do seu suicidio, que era a insolúvel divida, que na vespera contraíra ao jogo, de alguns contos de réis. O copo continha ainda um resto de opio.

ESCANDALOSA PROFANAÇÃO.

(Carta.)

2859 Seis legoas de Braga e dentro dos limites d'este arcebispado, está governando uma igreja um parochio singularissimo: e apesar de muitos pesares, santarrão no conceito de suas ovelhas. Para todas as faltas do Decalogo é mais ou menos indulgente; no sexto preceito, aonde é severo em demazia, e grande exagerador da virtude da castidade, chegando o seu mal entendido zêlo a induzir casados, para que vivam desunidos, e apartados do thalamo conjugal. A muitas moças donzellas tem feito proferir voto solemne de castidade, e tão solemne que é acompanhado de ceremonias, que arremedam, (em parte) as das clausuras; porque se deitam no esquite da igreja e dobram os sinos ao mesmo tempo: assim este pastor obriga as innocentes ovelhas a um sacrificio, cuja importancia ellas ignoram e insensatamente se arrisca ao perjurio; algumas depois tem casado, e outras caído em fraquezas. Mais me disseram; que tem revelado os segredos do confessorario, descobrindo aos pais as faltas das filhas familias (!!!) Isto é honroso e pede a attenção do governo, mandando ao administrador do extincto concelho de Freixeiro ou pessoa incorruptivel conhecer d'estes escandalosos factos.

Penafiel 8 de abril de 1844.

De V. etc.

LOBO DAMNADO.

(Carta do Diario do Governo.)

2860 « Desejando que chegue ao conhecimento de todos a fatal desgraça, que aconteceu na villa de *Olleiros*, districto de Castello Branco, no dia 28 de março, me resolvo a participar a V. S.^a para fazer o obsequio de inserir no seu *Diario do Governo*, o seguinte: — Ouvindo dar no meio da villa de *Olleiros* repetidos gritos, pelas cinco horas da tarde do dicto dia, dizendo que acudissem a umas creanças que estavam a ser devoradas por um lobo damnado; me encaminhei para o sitio aonde jasiã as victimas: alli encontrei o lobo despedaçando a cabeça de uma creança, que guardava seu gado; dirigindo-me para elle com uma espingarda, atravessei-lhe o pescoço com uma balla, o qual ferimento augmentou o furor d'aquelle animal, que pretendeu devorar-me, escapando-lhe milagrosamente para cima de um castanheiro. »

« Este bravo e feroz animal, antes que chegasse a este sitio, tinha passado pela ribeira da *Lontreira*, termo de *Olleiros*, aonde matou um rebanho de gado quasi inteiro, e maltractou o pastor arrancando-lhe parte do coiro da cabeça, maltractando-o na cara e braços: passou d'aqui ao ribeiro das *Hortas*, onde encontrou uma mulher ceifando herva, e agarrando-a rasgou-lhe os peitos e braços, a qual a estas horas já terá dado os ultimos suspiros: contiguo ao mesmo sitio se achava um homem lavrando, ao qual se dirigiu, e rasgou a cara e cabeça, e lhe arrancou o nariz, deixando-o no mais lamentavel estado possivel: perto d'este mesmo sitio encontrõ uma pastora, a qual se lançou com as garras, a ponto de lhe arrancar o crãneo, ficando immediatamente morta: d'aqui passou a um

sítio immediato, encontrando varias pessoas que se occupavam no serviço da lavoura, agarrando-se a cada uma de per si, a todas maltractou, principalmente no resto, parte principal a que elle se dirigia, deixando no fim d'esta terrivel voracidade quatorze feridos, dos quaes apenas poderão, segundo a opinião dos facultativos, escapar dois. «

« Tendo-me finalmente dirigido ao sítio aonde o encontrei pela primeira vez, como acima disse, me desapareceu logo que me acudiram; d'alli fui com um sujeito em busca d'elle, e chegando aonde elle jazia deitado, não esperando encontral-o alli, saltou elle de repente, e se avançou ao dicto sujeito, ao qual deitou por terra; e luctando este com aquelle perto de cinco minutos, e não podendo descarregar a espingarda, porque temia matar o homem, atravessei as mãos ou espadoas do dicto lobo com uma bayoneta; porém vendo-se novamente ferido (porque nenhuma das feridas que tinha recebido desgraçadamente era mortal) se avançou contra mim, do qual tambem escapei, passando um ribeiro que alli havia; porém recuando este terrivel animal foi passar perto do sujeito que jazia prostrado por terra deslacerado, ou aliás maltractado, e cansado da lucta, porém corajoso, lançou mão da espingarda que tinha juncto a si, e atirando-lhe um tiro lhe quebrou uma perna; e tendo-se aproximado a noite o não podemos seguir. No dia seguinte appareceu no *Roqueiro*, onde maltractou duas pessoas, e ahi finalmente foi morto por um homem que lhe enterrou um enchadão na cabeça. «

« Julguei do meu dever que um caso tão estranho em Portugal não ficasse em silencio, e que chegasse ao conhecimento do publico, por isso me resolvi mandar inserir tão funesto acontecimento, e V. S.^a perdoará este incommodo. Sou de V. S.^a constante leitor. — O padre *Antonio Maria de Mascarenhas*. »

« Certã, 80 de março de 1844. «

PLANTAÇÃO DE AMOREIRAS.

(Carta.)

2861 O CÁES da Alhandra, que é o primeiro do Ribatéjo, e talvez o de maior utilidade, pois em tempos de vendaval é sómente elle quem serve de côito a todas as embarcações que navegam o nosso Tejo, que logo que o vento sudoeste as quer enxovalhar, vão pedir-lhe abrigo, era comtudo defeituoso, por não ter a mesma largura da rua, que d'elle toma nome, pois mais parecia uma lingueta, apesar de ter na ponta a largura de 24 pés; principiava em um largo de 50 pés, e por isso não tinha regularidade.

A camara municipal do biennio de 1843 e 1844 empreendeu a formação de uma grande sapata, para aperfeiçoamento do cáes e utilidade da navegação do vapor; porém como o cofre do conselho os não animasse a metter mão á obra, teve a feliz lembrança de nomear uma juncta composta dos Illm.^{os} Srs. José Dionisio de Sousa Aguiar Barreto, presidente; João Antonio de Sousa, thesoureiro; Maximiano Ferreira Estrella, e Francisco dos Sanctos, vogaes, e Theodoro Faustino de Frias Nobre, secretario, para promoverem uma subscrição para se levar a effeito a dicta obra; toda a juncta se desvelou em trabalhar com a maior vontade possivel; e em dois mezes já a

obra estava concluida, e havia um largo, que se poderia fazer um jardim.

Eu vendo que todos os meus compatricios concorriam com os seus donativos, tambem concorri com a offerta de 18 pés de amoreiras brancas de 3 annos, vindas da Barroca d'Alva, e tão bem recebidas foram ellas pela camara, que no mesmo dia em que chegaram, as mandou plantar (a 10 de fevereiro de 1843), coroando assim a sua obra, á qual a camara mandou pôr o nome de — *Largo das Amoreiras*.

Este anno ficou só por aqui a plantaçãõ; porém a actual camara tem toda a tenção de encher varios largos de multicaules.

Alhandra 9 de abril de 1844.

Lazaro Joaquim d Sousa Pereira.

POBRESA RICA.

2862 Todos no bairro de *Alcantara* conheciam, e muitos costumavam esmolar a uma velha mendiga por alcunha a *bispa*, moradora nas sobrelojas de uma casa nobre, na rua de S. Francisco de Paula, antiga residencia de certo prelado, a cuja charidade, segundo se póde crer, ella devia aquella commoda e gratuita poisada. Tres dias a fio na semana passada deixou esta mulher de ser vista pela vizinhança. A leiteira sua fregueza, tendo-lhe todos estes tres dias baido baldadamente á porta, entendeu que devia de haver na casa novidade ruim. Consultou com os vizinhos, estes foram da sua opinião; deu-se parte á auctoridade; arrombou-se a casa. A bispa, unica moradora d'ella, jazia morta. Era o que pouco mais ou menos se esperava, não causou assombro; o que porém o causou, e grandissimo, foi a riqueza de que se achou ser possuidora quem, por soes e chuvas, estendia a mão a pedir, pelo amor de Deus, uma moeda de cinco réis aos passageiros. Ao pé dos seus factos remendados e das suas chinéas rôtas via-se profusão de vestidos e sapatos novos e bons. A sua guarda-roupa daria de rosto á de muitas casas abastadas; a sua prata, oiro e joyas eram antigas e de um valor muito subido: por um só dos diamantes, que se lhe acharam, houve logo alli quem offerecesse 288 mil réis. A sua cama era um rico leito, que poderia offertar-se a uma noiva; a mobilia condizia com o mais. — Não é tudo. — O proprio predio lhe pertencia inteiro: e, a que se julgava não occupar senão umas sobrelojas nuas, communicando-se por uma escada interior com os outros andares, habitava em ricas e armadas sallas de uma vivenda magnifica.

No meio de tudo isto parece que não podia deixar de haver dinheiro; procurou-se; mas apenas se achou uma moeda de dez réis. A bispa, se se ha-de acreditar no que diz o seu aguadeiro, por vezes lhe havia dicto, (porventura para arredar cobiças de ladrões) que, por mais que por sua morte revolvessem, dinheiro em sua casa o não achariam. Entretanto varias chavinhas se lhe encontraram, que devem servir em esconderijos, porque em nenhuma das partes descobertas foi possivel fazerem-n'as entrar.

Está-se á espera de ver agora apparecer um exame de parentes da solitaria. Já alguém se appresentou, dizendo-se seu procurador e por ella encarregado de declarar verbalmente as suas ultimas vontades; mas como não appresentava mais prova do que a sua palavra, foi mandado passear.